

O Ipês para além do anticomunismo: o projeto de nação no filme “O conceito de empresa”

Pâmella Passos Deusdará¹

Resumo

Buscando analisar o projeto de nação defendido pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (Ipês) através de seus filmes e boletins destacamos para esta comunicação, a temática empresarial, na qual analisaremos o curta “O Conceito de empresa” buscando refletir acerca do projeto ipesiano que estava sendo divulgado nesta produção cinematográfica. Propomos também uma comparação entre os enunciados do filme e os que estão presentes em textos como: “Preservando o conceito de livre empresa” e “A empresa privada como comunidade de trabalho: seu papel no desenvolvimento econômico e na distribuição da renda”, publicados nos boletins mensais do instituto. Como metodologia de análise, recorreremos a Análise do Discurso de base enunciativa, objetivando delinear no projeto do Ipês, aproximações e afastamentos com a estrutura empresarial vigente no Brasil na década de 1960.

Palavras-chave: Ipês- Filmes- Análise do Discurso

Abstract

Trying to analyze the nation project sponsored by Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (Ipês) according to its movies and bulletins, we emphasize for this workshop the entrepreneurial theme which will be analyzed from the short-length movie “The enterprise concept”, trying to get the ipesian project that was being spread by this cinematographical production. We also suggest a comparison between the sentences in the movie and in the documents such as “Preserving the free enterprise concept” and “The private enterprise as work community: its role in the economical development and in the income distribution”, both published in the institution’s monthly report. As analytical methodology, we used the enunciative based speech analyzes, aiming draft the Ipês project its approximation and dissociation from the entrepreneurial structure that was working in Brazil in the 1960’s.

Key-words: Ipês – Movies – Speech Analyzes

1. Considerações iniciais

Propomos uma revisitação da conjuntura que antecede o golpe de 1964, golpe este que a nosso ver significou bem mais que a queda de um regime democrático e a instauração de uma violenta e sangrenta ditadura, mas a ruptura com um determinado modelo de Brasil e a consolidação de outro projeto para o país.

¹ Doutoranda em História Social na Universidade Federal Fluminense e Professora de História da Educação Básica, Técnica e Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro.

No entanto, a implementação de um determinado projeto de sociedade demanda não somente sua elaboração, mas também uma capacidade de consentimento de tal projeto por essa mesma sociedade. É nessa lógica que nossa pesquisa se insere. Partindo dos filmes e boletins produzidos pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (Ipês), instituto de caráter anticomunista do qual falaremos mais adiante, pretendemos analisar os mecanismos de produção desse projeto, identificando suas principais rupturas e continuidades com o modelo brasileiro vigente, reservando especial atenção para a análise dos meios de produção de consenso sobre o referido projeto.

O olhar lançado sobre estas produções cinematográficas, bem como sobre os textos das referidas publicações, privilegiará sua dimensão discursiva. Recorreremos assim aos estudos da linguagem, dentre eles as propostas de Bakhtin para quem

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. (...) a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. (BAKHTIN, 2004: 41)

Assim, abordar a conjuntura que antecedeu a deposição de João Goulart sob uma ótica discursiva significa, a nosso ver, construir novas possibilidades de análise que percebam (des)continuidades que estavam em jogo nesta conjuntura. Nesse sentido, a articulação História e Lingüística, principalmente em sua vertente da Análise do Discurso, mostra-se extremamente produtiva, pois trabalhamos com a idéia que do entrelaçamento entre essas disciplinas, novas perspectivas podem emergir, implicando não somente em uma abordagem analítica diferenciada, mas, a partir do pressuposto que a linguagem também produz a realidade, tal entrelaçamento nos faz apostar na produção de uma determinada forma de fazer História.

Fruto de interesses nacionais e de uma conjuntura externa bastante propícia para os seus interesses, o Ipês apresenta dois pilares como base de sua fundação: a Aliança para o Progresso e a Encíclica *Mater et Magistra*.

A primeira diz respeito a um programa de ajuda econômica e social desenvolvido pelos EUA e voltado para a América Latina, com o objetivo de conter uma possível disseminação do “ar” revolucionário cubano. A segunda refere-se a um pronunciamento do Papa João XXIII, no qual o sumo pontífice faz um chamado a todos os “homens de boa vontade” para que defendam os direitos humanos.

Trabalhamos com a idéia de que, a fim de organizar a atuação da classe dirigente, oriunda da burguesia nacional de capital associado na tomada do poder, o Ipês formou uma estrutura de dimensões táticas e estratégicas que se desdobrava em ‘Grupos de Estudo e Ação’. Tais grupos funcionavam de acordo com o plano de ação do instituto que, em geral, eram elaborados anualmente (DREIFUSS, 1981: 184).

O GLC, Grupo de Levantamento da Conjuntura, tinha como principal tarefa acompanhar todos os acontecimentos políticos nos mais diversos setores, indicando áreas de preocupação para o Grupo de Estudo e Doutrina. Já o Grupo de Assessoria Parlamentar (GAP), ou ainda ‘escritório de Brasília’ como foi alcunhado pelos ipesianos, garantia muitas vezes assessoria técnica, organizando a campanha anti-Goulart no Congresso e administrando o canal de financiamento do instituto para sua rede parlamentar de beneficiários e receptores de ajuda. Constituindo o que Dreifuss denominou de ‘estufa ideológica do Ipês’, estava o Grupo de Estudo e Doutrina (GED) fornecendo a base material para os Grupos de Opinião Pública e Grupo de Publicações / Editorial, além de manter-se extremamente articulado com o Grupo de Levantamento da Conjuntura.

A partir do breve delineamento que traçamos do instituto, é possível perceber sua rebuscada estrutura organizativa, que foi direcionada não só para o processo de desestabilização do governo João Goulart, mas também para formulação e difusão de um novo projeto para a sociedade brasileira.

2. Cinema, discurso e hegemonia

Ao optarmos por trabalhar com as produções cinematográficas dirigidas e financiadas pelo Ipês, procuramos adotar um referencial teórico que pudesse dar conta das especificidades de tais materiais. Procuraremos então de maneira sucinta pontuar nossa trajetória na busca por esses referenciais.

Primeiramente poderíamos destacar as contribuições das reflexões de Walter Benjamin (1994) acerca da obra de arte na era da reprodutibilidade técnica, a partir das quais o autor aponta para a necessidade de se repensar a produção artística cultural, sob o contexto das novas condições de produção. A esse respeito, Benjamin chega a afirmar em relação à produção cinematográfica, que a sua reprodução é uma prerrogativa devido mesmo ao alto custo de sua produção.

Em suas reflexões acerca do cinema e da produção cultural como um todo, o pensador alemão alimenta um rico debate com Adorno e Horkheimer, diferenciando-se destes no que

tange às suas concepções acerca da cultura popular e da cultura de massas. Ao identificar uma dimensão de resistência através do cinema, Benjamin é categórico em afirmar que tal dimensão somente será possível quando houver a libertação da exploração cinematográfica pelo capitalismo, eliminando assim seu caráter contra-revolucionário.

Avançando nas leituras de Adorno e Horkheimer, Benjamin coloca um novo desafio para as esquerdas, qual seja: pensar as possibilidades de apropriação dos meios de comunicação de massas. A noção de indústria Cultural, originalmente trazida por Horkheimer e Adorno, demanda novas leituras, que partam de abordagens que vislumbrem as massas não como meros seres receptivos de um discurso dominante que os aliena, mas como sujeitos integrantes desse processo de comunicação e cultura.

Reservando especial atenção aos debates acerca da cultura de massas e aos meios utilizados por ela, as reflexões benjaminianas nos remetem às idéias de Mikhail Bakhtin (2008) em suas formulações acerca potencialidade da cultura popular. Analisando o contexto da Idade Média, Bakhtin percebe elementos de contestação/oposição à cultura erudita através de manifestações da cultura popular.

Compreender tal manifestação em nossa hipótese implica também compreender a constante apropriação da cultura popular pelo discurso conservador e contra-revolucionário. Ou ainda, colabora na compreensão da linguagem cinematográfica utilizada pelo Ipês em seus filmes que atuavam na produção de um projeto político-ideológico de nação.

Ainda que constatando a impossibilidade de debater com a devida consistência as categorias de cultura popular e cultura de massas no breve espaço deste artigo, julgamos pertinente tecer alguns comentários sobre tal temática e, para isso, recorreremos às reflexões de Martín-Barbero que ao falar da retomada do estudo sobre o popular afirma:

[...] Além das modas — que a sua maneira falam também do que mascaram, no que, em última análise, se apóiam secretamente — a vigência recuperada pelo popular nos estudos históricos, nas investigações sobre a cultura e sobre a comunicação alternativa, ou no campo da cultura política e das políticas culturais, marca uma forte inflexão, uma baliza nova no debate e alguns deslocamentos importantes. [...] No conjunto, o que começa a se produzir é um descentramento do conceito mesmo de cultura, tanto em seu eixo e universo semântico como no pragmático, e um re-desenho vai desempenhar um papel importante o reencontro com o pensamento de Gramsci, que, acima das modas teóricas e dos ciclos políticos, alcança atualmente uma vigência que tinha sido isolada ou ignorada durante longos anos. (MARTÍN-BARBERO, 2006: 98-99)

Partimos assim de uma perspectiva que compreende a cultura não como algo abstrato, mas em sua relação com as visões de mundo de uma determinada sociedade e dos grupos sociais que as produzem e difundem. Assim, repensar a cultura sob a ótica da cultura de

massas ou da cultura popular colabora em nossas reflexões acerca dos valores sociais produzidos e divulgados pela classe dirigente organizada dentro do Ipês, em seus filmes e boletins.

Para além das contribuições sobre a cultura popular, Mikhail Bakhtin torna-se referência em nossa pesquisa também por suas produções acerca da linguagem, aspecto que aprofundaremos ao tratar de nossas metodologias e fontes. Consideramos relevante, porém, apresentar a noção de gêneros do discurso, formulada pelo autor.

(...) cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. A riqueza e variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa (Bakhtin, 2000: 279).

Trabalhar com os gêneros do discurso apresenta-se como um caminho teórico bastante frutífero, principalmente no que tange à compreensão das diferenças na divulgação de um mesmo projeto de nação através de filmes, exibidos em salas de cinema em todo o país, e textos teóricos, publicados nos boletins mensais do instituto, que também constituem as fontes de nossa pesquisa, destinados a um público específico. Robert Stam (2000), apesar de reconhecer que Bakhtin nunca se pronunciou explicitamente sobre o cinema, identifica em suas proposições acerca dos gêneros do discurso um rico elemento de análise para a produção cinematográfica.

Assim, uma abordagem translinguística dos gêneros do discurso no cinema deveria relacionar os gêneros primários do discurso—conversas em família, ou entre amigos, encontro casual, diálogo entre patrão e empregado, discussões em sala de aula, brincadeiras de festa, ordens militares — com sua mediação secundária cinematográfica. (STAM, 2000:68)

Refletindo acerca das mediações, principalmente as cinematográficas, destacamos ainda o valioso trabalho de Martín-Barbero (2006) sobre comunicação, cultura e hegemonia. Em obra intitulada *Dos meios às mediações*, Martín-Barbero faz um minucioso e consistente trabalho de debate conceitual entre autores e vertentes que se debruçaram acerca de questões como: povo, cultura, folclore, indústria cultural dentre outros.

Para Martín-Barbero, a cultura é vista como um espaço não somente de manipulação, mas também de conflito capaz de transformar em meio de libertação as diferentes expressões ou práticas culturais. Assim, os meios são analisados através de suas mediações, ou ainda, através de seus usos políticos.

Propondo uma leitura que não mais anule a dimensão contra-hegemônica do cinema, Martín- Barbero retoma Benjamin para se contrapor ao pessimismo cultural, que somente vislumbra o cinema como máquina/técnica a serviço do capitalismo, percebendo o espectador como mero receptor passivo, e não como um interlocutor ou um co-enunciador. Em nossa pesquisa pretendemos investigar como o meio cinematográfico serviu de mediação para um determinado projeto de classe, mas sem perder a perspectiva de que esta é apenas uma apropriação e não uma essência da produção cinematográfica.

3. A empresa que se quer: analisando as produções ipesianas

A título de exemplificação da articulação entre os valores disseminados nos filmes ipesianos e em seus boletins destacamos para este artigo o filme “O conceito de empresa”, curta no qual os empresários são convocados à, unidos, divulgarem o valor social de suas empresas, comprometendo-se com a manutenção da saúde, da educação e da economia do país. É interessante observar uma ênfase na proposta de comunicação direta dos empresários com os trabalhadores, o que segundo o enunciador narrador do filme evitaria a manipulação destes por agitadores políticos e defensores da estatização das empresas.

Produzido pelo Cine-Service e dirigido pelo Ipês, o curta inicia retomando o passado monocultor do país, destacando que ninguém acreditava na indústria. É nesse instante que o narrador dirige-se aos chefes de empresas perguntando-os se os outros não os conhecem somente a partir do que dizem os demagogos. Cabe destacar que ao falar em demagogos, são inseridas imagens de sindicalistas em comícios.

Lançando mão de perguntas retóricas o narrador do filme pergunta: *Você chefe de empresa que não tem comunicação com a massa, você acha mesmo que pode continuar distante do seu empregado? Na hora de votar com quem ele vai estar, com você ou com os demagogos?*² O enunciador do filme, fala ainda de pesquisas de opinião com resultados, segundo ele, alarmantes, que revelam que *“para o povo os chefes de empresas são grandes gozadores da vida, responsáveis pela crise, pela vida cara, por tudo”*.

Percebemos ao longo dos 16 minutos de duração do vídeo, um intenso chamado ao chefe de empresa para que este propague seus feitos como nos trechos:

Você chefe de empresa trabalha para o Brasil no escuro, no mais perigoso silêncio. Homem de empresa desperte, comece a divulgar o que significa para o Brasil o seu trabalho, o seu esforço. Você precisa lutar pela demonstração agressiva da extraordinária utilidade social da sua empresa....

² Trechos do filme “O conceito de Empresa” dirigido pelo Ipês.

*(...) Não é amanhã é hoje que você tem que pensar na divulgação da sua empresa. Palestras de esclarecimento, o rádio, a TV e o cinema. Divulgue a sua verdade! Eles ficarão ao seu lado se falar com eles.
(...) Faça a propaganda de imagem! Fale ao homem simples uma linguagem simples! Mostre que você está trabalhando para o bem da comunidade e para a grandeza sempre maior do nosso Brasil³.*

Nesses materiais, o anticomunismo não assume o papel principal, esta como pano de fundo, o que se destaca aqui é a disseminação de um conceito de empresa no qual o chefe propagandeia seus feitos e sua propriedade, produzindo/divulgando a suposta utilidade social destas. Em nossa hipótese, este é um fator bastante relevante para análise do processo de crescimento e consolidação da burguesia nacional de capital associado.

Para este artigo, selecionamos dois textos de diferentes boletins do Ipês que, acreditamos dialogar com a temática da livre empresa. O primeiro, “Preservando o conceito de livre empresa” trata-se de uma conferência proferida por Hans Hohn na qual percebemos a tônica na defesa da empresa privada frente à empresa estatal, como podemos observar no trecho a seguir:

Para isto é também necessário o seguinte. Sabemos que a livre competição produz um estímulo para a eficiência, um estímulo que falta ao sistema da economia planificada. Por tanto, se queremos preservar e aumentar nossa superioridade, precisamos tentar por todos os meios restringir o âmbito das economias nacionais. E até mesmo mais necessário provocar uma competição internacional efetiva e real removendo todos os obstáculos que estiverem em seu caminho.⁴

Destaca-se no fragmento acima a comparação feita pelo enunciador conferencista, da economia que ele denomina de livre com a economia planificada, desqualificando esta última, tornando-a quase sinônimo de economia nacional. Podemos dizer assim que, se o filme incita os empresários a divulgarem suas empresas, este texto apresenta um embasamento teórico de como fazê-lo, principalmente no que diz respeito a diferenciação do modelo comunista. Para tal selecionamos as seguintes passagens

*O escopo desta conferência, em minha opinião, não é apenas apontar onde estamos hoje, mas o que é muito mais importante, proclamar de maneira convincente o papel que a livre iniciativa deve ter no futuro.
(...) Nossos esforços e inteligência devem ser dedicados a fazer com que a livre empresa no mundo abandone a posição defensiva.⁵*

De maneira mais tênue que o vídeo, o fragmento acima também apresenta um chamado, mas agora não direcionado ao chefe de empresa, mas a livre iniciativa, que deveria abandonar sua posição defensiva.

³ Trechos do filme “O conceito de Empresa” dirigido pelo Ipês.

⁴ Boletim mensal do Ipês nº 11. Junho de 1963. p.32

⁵ Boletim mensal do Ipês nº 11. Junho de 1963. p.30

O segundo texto que selecionamos para nosso exemplo, “A empresa privada como comunidade de trabalho: seu papel no desenvolvimento econômico e na distribuição da renda” trata-se de um trabalho em grupo desenvolvido por alunos do Curso de Atualidades Brasileiras. Cabe destacar que este curso era desenvolvido anualmente pelo Ipês e contava com um número restrito de vagas, em que eram privilegiados empresários brasileiros.

Tal texto reserva especial atenção para as mudanças necessárias às empresas para que estas se tornassem comunidades de trabalho, efetivamente comprometidas com seus trabalhadores. Buscando reforçar seus argumentos, os autores elaboram um histórico do conceito de comunidade, argumentando que suas propostas orientam-se pelas três grandes encíclicas papais: *Rerum Novarum*, *Quadragesimo Anno* e *Mater et Magistra*.

Interessante destacar que a *Mater ET Magistra*, constitui um dos documentos inspiradores da fundação do Ipês, como destacamos em nossas considerações iniciais. Assim, utilizando-se dos pronunciamentos do Sumo Pontífice, os enunciadores do boletim, apresentavam alguns pontos que deveriam ser alterados para que as empresas se tornassem comunidades de trabalho:

*Para que ela alcance o sentido de constituir uma comunidade de trabalho, podemos analisar em relação aos três aspectos principais de sua estrutura, como abordados na conferência do Prof. Paulo Sã, no Curso de Atualidades Brasileiras. A) Lucros; B) Propriedade e C) Gestão.*⁶

Em seguida, o texto detalha como deveria se dar a participação dos trabalhadores nos lucros, na propriedade e na gestão, delimitando principalmente os setores e os percentuais dessa participação. “*De outro lado, na experiência de democratização de capital que conhecemos, em nenhum caso se eliminou o grupo de controle a fim de que de fato a propriedade do patrimônio social se tornasse verdadeiramente democratizada.*”⁷.

Fica patente que a inovação dos valores apresentados por esses setores, não pretendiam alterar a ordem do capital, mas apenas reorganizá-la visando um melhor domínio. Trabalhamos com a idéia que este texto, pode ser considerado um exemplo da produção/disseminação de um discurso que compreende a venda de ações das empresas como processo de democratização do capital.

Nesse sentido, é interessante recuperar a gênese deste discurso, tantas vezes propagandeado como inquestionável e atemporal, visto que se tornou hegemônico.

⁶ Boletim mensal do Ipês nº 19-20. Fevereiro-Março de 1964. p.20

⁷ Boletim mensal do Ipês nº 19-20. Fevereiro-Março de 1964. p.20

Pretendemos com esta breve demonstração dar visibilidade a maneira pela qual esses valores, apresentavam-se de maneira complementar nos filmes e textos produzidos pelo Ipês.

4. Considerações finais

Os enunciados disseminados pelo filme “O Conceito de empresa”, pelos textos “Preservando o conceito de livre empresa” e “A empresa privada como comunidade de trabalho: seu papel no desenvolvimento econômico e na distribuição da renda” indicam uma orientação econômica empresarial que apresenta significativas discontinuidades com um modelo de industrialização com ênfase na participação estatal, implementada por Vargas tanto em seu primeiro governo, quanto no segundo.

É bem verdade que durante os anos JK o capital estrangeiro adentrou de maneira bastante ofensiva e veloz as fronteiras brasileiras. No entanto, a organização empresarial do país, tanto no setor privado quanto público, funcionavam numa lógica que não mais atendia aos interesses do capital internacional, sendo o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais um dos principais interlocutores dessas novas demandas do capital internacional, procurando inclusive atuar na formação de quadros capazes de implementá-las.

Ao optarmos por analisar gêneros distintos: filme, transcrição de conferência e trabalho final de curso, objetivamos neste breve artigo, pontuar as mais variadas formas utilizadas pela intelectualidade da burguesia nacional de capital associado, instalada no Ipês para disseminar seu projeto de nação. Acreditamos que o estudo de tais materiais, comprova que o que estava em jogo com a derrubada de João Goulart, era muito menos o combate ao comunismo e muito mais a luta a favor de um Brasil inserido nos novos contornos do capitalismo mundial.

5. Referências bibliográficas

ASSIS, Denise de. *Propaganda e Cinema a Serviço do Golpe (1962-1964)*. Rio de Janeiro: Mauad / FAPERJ, 2001.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *O governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil, 1961-1964*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Revan; Brasília, DF: EdUnB, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. *Estética da Criação Verbal*. Trad. a partir do francês de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.—Obras escolhidas volume 1.

DREIFUSS, René Armand. *1964: A conquista do Estado. Ação Política, Poder e Golpe de Classe*. Trad. Laboratório de Tradução da Faculdade de Letras da UFMG. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

FLORES, Valdir do Nascimento & TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à Linguística da Enunciação*. São Paulo: Cortez, 2005.

GRAMSCI, Antonio. *Maquiavel, a Política e o Estado moderno*. Trad. de Luiz Mário Gazzaneo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

_____. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

MARTÍN, BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Trad. de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.

MENDONÇA, Sônia Regina de. *Estado e economia no Brasil: opções de desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

_____. (org). *O Estado brasileiro: agências e agentes*. Niterói: EDUFF/Vício de Leitura, 2005.

SOUZA, Maria Inêz Salgado de. *Os empresários e a educação: o IPES e a política educacional após 1964*. Petrópolis: Vozes, 1981. 205 p.

STAM, Robert. Bakhtin. *Da Teoria Literária à Cultura de Massas*. Trad. Heloísa Jahn. São Paulo. Editora Ática, 2000.